

Bela, reluzente e inquieta

Do apartamento onde mora, a professora Imo admira a chegada do dia e da noite na Esplanada, no Setor de Diversões Sul, e planeja escrever um livro sobre a vista privilegiada da capital do país

Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press



"Como não saio e tenho poucas distrações, a minha vida realmente é da janela. Aqui, vejo desigualdade, solidariedade, verdade"
(A professora Ivete não quis ser fotografada)

» RAFAEL CAMPOS

Zero hora de 1º de janeiro de 2009. Do imenso janelão de uma suíte master no sétimo andar do Hotel Nacional, a professora Ivete Maria (ou Imo, como costuma assinar), 60 anos, olhava, impressionada, os fogos de artifício que pipocavam sobre a Esplanada dos Ministérios. Como se não bastasse a euforia pela chegada do ano-novo, o esvanecer da fumaça revelou uma visão ainda mais impactante.

"Da minha janela, pude ver a lua, gigantesca, bem no meio das duas torres do Congresso Nacional. Foi uma visão inesquecível."

A professora não é apenas uma hóspede brindada com a beleza do céu brasileiro. Como moradora do hotel desde 2001, ela consegue observar Brasília de uma janela que dá para o coração político da cidade. Talvez por isso, sua visão esteja tão aguçada para os contrastes da capital. "Procuro sempre viver através do que vejo. Como não saio e tenho poucas distrações, a minha vida realmente é da janela. Aqui, vejo desigualdade, solidariedade, verdade..."

Mineira e "ermitã" confessa, Ivete já não sonha com a terra natal. "Amo Belo Horizonte, mas bastam 72 horas para que eu comece a sentir um sério desejo de voltar para cá. Hoje me sinto mais em casa aqui", garante. E por que escolheu Brasília? Ela respira fundo e despista — é provável que tenha vindo na esperança de uma vida nova. Só que usa palavras mais fortes para explicar a escolha. "Eu fui abduzida por Brasília. Nunca me imaginei morando aqui e, hoje, sou apaixonada." O sentimento é tamanho que Imo decidiu escrever um livro, justamente contando o que vê de sua janela.

Ainda em fase de preparação, a obra pretende captar as sensações do olhar arguto da professora, do alto de sua suíte.

Estrelas

O local escolhido não poderia ser mais apropriado. As janelas cinquentenárias do Hotel Nacional já encantaram de chefes de Estado a estrelas de cinema. E também testemunharam toda sorte de decisões e episódios relevantes para o país. "Nada aconteceu de diferente, cômico e fascinante na vida pessoal e política de Brasília que

não tenha passado por essas janelas", atesta Jorge Azevedo, diretor comercial do hotel.

Lá se vão 10 anos que Imo vê a vida por esse enquadramento. "Brasília ainda precisa encontrar maneiras de minimizar a desigualdade, mas com metas eficientes. Sei que é difícil, porque é um problema social, como as drogas e a prostituição, que, no Plano Piloto, estão causando cada vez mais preocupação", reflete. Ela lembra que apenas maquiagem é insuficiente, como foi o caso da cracolândia que se instalava logo em frente. Segundo a professora, os usuários

da droga foram retirados à época da visita do presidente norte-americano Barack Obama.

"Isso saiu de nossas vistas. Para onde foi, não sabemos", fala, quase resignada. "Quase", porque ela não perde as esperanças. A mineira de coração brasileiro deposita na juventude a esperança de que sua janela aponte para um futuro melhor. "Esperança eu tenho nos jovens, que vão comandar esse quase continente que é o Brasil. E o Brasil precisa de Brasília. Ela comanda aquilo que não tem visão. E deve ser comandada por aqueles que a têm."

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



JANELA DA RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO

Dali vê-se a Asa Norte. E também o fluxo constante dos passageiros, vindos de todos os pontos do Distrito Federal. Quem observa é a cearense Carmem Oliveira, 44 anos, gerente da papelaria que funciona na plataforma intermediária da rodoviária. Essa moldura do que Brasília tem de mais urbano, ela goza enquanto cultiva a aparência, na lojinha de produtos estéticos ao lado do seu negócio.

"Pinto o cabelo, faço escova e maquiagem", lista. O lugar é frequentado por outras

trabalhadoras da redondeza. "Ficamos da janela, fofocando. Trocamos confidências. Falamos bem ou mal dos maridos. Tudo se revolve ali", resume.

Mas nem tudo é ameno. Através dos vidros, Carmem encarou a face brutal da metrópole. "Numa noite, vi um garoto de programa bater no cliente que não queria pagar. Eram R\$ 15", detalha. Em outra ocasião, viu uma mulher descer do ônibus e deixar para trás o filho. "A criancinha, de uns 5 anos, ficou chorando, chamando a mãe." Perplexos, os passantes alcançaram a mulher e promoveram o reencontro. "Não foi de propósito", concede. O otimismo a faz enxergar avanços e melhorias na paisagem. "Depende do nosso olhar."

JANELA DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Um prédio redondo, todo cercado por janelas, localizado na região central de Brasília, permite entender a paisagem de uma maneira diferente. É a sede da Caixa Econômica Federal, no Setor Bancário Sul (SBS). Das janelas é possível ver toda a cidade. A bancária Viviane Cardoso, 30 anos, já percebeu isso e, há quatro anos, ocupa uma mesa no oitavo andar. "Quando fui trabalhar na matriz, achei tudo muito diferente. Antes, eu ficava em um lugar fechado, que não tinha nem uma janela para a gente tomar um vento. Mas aqui é diferente, todo lugar tem uma janela e cada uma delas com uma vista diferente." Outro ponto que Viviane Cardoso não se cansa de repetir é que, de dentro do prédio, pode-se mostrar toda a cidade. "Pelas janelas, eu explico Brasília para os colegas que acabaram



de chegar. Aqui, mostro onde fica o Eixinho, o Eixo, a L2 e a L4. A gente vai circulando o andar e consegue mostrar tudo."